



# Requalificação das alminhas do Barral e do Alves (Vilar do Torno e Alentém, Lousada)

CRISTIANO CARDOSO<sup>1</sup>

SOFIA LOBO<sup>2</sup>

FRANCISCO CARRASCO<sup>3</sup>

1 Técnico Superior de História. Câmara Municipal de Lousada.

2 Conservadora-restauradora. Dalmática.

3 Técnico especialista em argamassas de cal. Dalmática.

## RESUMO

Este artigo trata da intervenção conservativa, de requalificação e de valorização de que foram alvo as alminhas do Barral e as alminhas do Alves, situadas na freguesia de Vilar do Torno e Alentém, concelho de Lousada. Centrando a análise no valor cultural desta tipologia de património e na identificação das ameaças que o envolvem, apresenta-se uma perspetiva sobre as principais fases da intervenção, com especial relevo para as ações de inventariação e de restauro.

## PALAVRAS-CHAVE

Lousada; alminhas; património vernacular; requalificação; restauro.

## ABSTRACT

This article deals with the conservation, requalification and valorisation intervention of the Barral and Alves shrines, located in the parish of Vilar do Torno e Alentém, in the municipality of Lousada. Focusing the analysis on the cultural value of this typology of heritage and on the identification of the threats that surround it, a perspective on the main stages of the intervention is presented, with special emphasis on the actions of inventory and restoration.

## KEYWORDS

Lousada; wayside shrine; vernacular heritage; requalification; restoration.

## Notas prévias

Entre 2018 e 2019, foi desenvolvido um projeto de inventariação de alminhas e cruzeiros existentes no concelho de Lousada. Após este trabalho, foram sinalizados os elementos patrimoniais que registavam mau estado de conservação e/ou maiores ameaças à sua preservação (Vieira, 2019a). Este inventário, que urgia desenvolver em Lousada, especialmente para esta tipologia de património, constitui a base de trabalho de inúmeras iniciativas de valorização e de promoção. A existência deste instrumento de trabalho, que se considera em permanente atualização, permitiu compilar e validar informação anteriormente dispersa, consolidar e aprofundar o conhecimento acerca deste património e promover a sua salvaguarda.

Registe-se, como exemplo destes objetivos alcançados, a publicação de textos científicos sobre o tema<sup>1</sup> e a produção de um roteiro de promoção turística (Cardoso, Nunes e Vieira, 2022). A integração dos dados georreferenciados do inventário na Carta do Património, consagrada em sede do Plano Diretor Municipal, determina maiores garantias de salvaguarda e maior responsabilização dos agentes que intervêm no património. O inventário assume, ainda, um papel fulcral na definição de estratégias no contexto da reabilitação patrimonial, associando e relacionando premissas que determinam prioridades e apoiam a decisão técnica.



**Figura 1.** Apresentação pública da requalificação das alminhas do Barral, a 27 de julho de 2022 (Barbosa, 2022a).

<sup>1</sup> O inventário em questão foi implementado em contexto de estágio curricular do curso de Mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, incidindo sobre alminhas e cruzeiros (Vieira, 2019a), tendo continuidade através da publicação de dois artigos de divulgação (Vieira, 2019b; 2020, pp. 136-167).



**Figura 2.** Aspeto final das alminhas do Barral (Barbosa, 2022d).



**Figura 3.** Aspeto final das alminhas do Alves (Barbosa, 2022c).



**Figura 4.** Apresentação pública da requalificação das alminhas do Alves, a 27 de julho de 2022 (GPA, 2022).

Foi, precisamente, neste plano de intervenção alargada, que inclui ações materiais, imateriais e normativas, que, entre 2020 e 2022, por iniciativa da autarquia, em colaboração com a paróquia, a junta de freguesia e os proprietários dos respetivos imóveis, se concebeu uma intervenção de requalificação nas alminhas do Barral e nas alminhas do Alves, ambas situadas na freguesia de Vilar do Torno e Alentém. Esta ação foi desencadeada dentro das linhas gerais do Plano de Valorização do Património Local, que tem como objetivos primordiais a proteção e a salvaguarda do património material e a recuperação da memória coletiva e do património imaterial associado a este tipo de edificado.

A 14 de outubro de 2020, procedeu-se à remoção dos elementos metálicos e de madeira, para tratamento em laboratório, dando-se início ao tratamento conservativo, que decorreu durante o ano de 2021. Em maio de 2021, ficou definido o plano de intervenção e foram fixadas as opções de atuação, iniciando-se a criação dos novos painéis. Os trabalhos no terreno, especialmente relacionados com o tratamento dos elementos de pedra e cal, decorreram nos meses de abril e maio de 2022. Por fim, a colocação de todos os elementos novos e recuperados (painéis, gradeamentos, caixa de esmolos, etc.) ocupou o mês de julho, sendo realizada uma apresentação pública do resultado a 27 de julho de 2022.

## 1. Contexto sociocultural

O conceito de património cultural agrega elementos patrimoniais que asseguram a transmissão da herança e memória de uma comunidade, cuja preservação e valorização se afirmem como fatores de coesão social, de continuidade identitária e de ligação entre gerações. Simultaneamente, valoriza o território, promove a sua competitividade, diferenciação e atração.



**Figura 5.** Alminhas de Moinhos, Macieira. Foram deslocadas e inseridas no muro da Casa de Moinhos. A sua localização original era junto da ponte da Amieira (Alves, 2021).

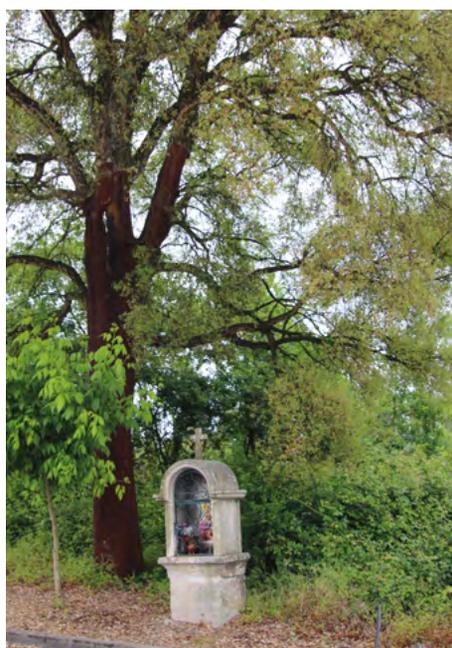


**Figura 6.** Pormenor da fechadura das alminhas de Moinhos (Alves, 2021).

As alminhas inscrevem-se no âmbito do designado património vernacular, que se afirma através do legado das técnicas e dos saberes locais, das práticas religiosas e dos hábitos sociais, revelando um contexto de solidariedades locais que foram imprescindíveis para a afirmação e preservação da identidade coletiva. As alminhas participam, igualmente, num quadro patrimonial mais abrangente, no qual estão presentes a paisagem envolvente, a rede de caminhos e o próprio espírito do lugar, o *genius loci* – o carácter congregador de práticas e características socioculturais de um determinado lugar.

Esta ligação intrínseca ao lugar é especialmente relevante no caso das alminhas, pelo que a mudança de lugar de um elemento suscita sempre as maiores preocupações. Ainda que a envolvente se altere profundamente e o lugar já não exiba os sinais que inspiraram a dedicação de um templo destas características, as alminhas são um vestígio arqueológico de uma organização do espaço e do território desaparecida. Neste sentido, carecem de uma atenção redobrada, pela vulnerabilidade associada à sua própria estrutura construtiva e à sua implantação na paisagem, devendo ser observadas como um verdadeiro suporte e registo de memória e de identidade territorial.

Portanto, o restabelecimento da integridade destes elementos do património cultural, religioso e vernacular do concelho de Lousada devolve à comunidade um dos símbolos identitários mais ameaçados e promove a defesa da memória coletiva e da singularidade do património vernacular.



**Figura 7.** Alminhas da Igreja de Pias. Foram ligeiramente deslocadas para se efetuar o alargamento da estrada. Estavam inseridas à face do antigo caminho, numa área muito arborizada e pouco povoada (GPA, 2021b).

## 2. Caracterização arquitetónica e artística

### 2.1. Alminhas do Barral

Este nicho de alminhas está inserido na espessura da parede de uma casa antiga de função agrícola, situada no lugar do Barral, freguesia de Vilar do Torno e Alentém. A construção da casa seguiu o alinhamento do antigo caminho que ligava o lugar de Casais à igreja matriz e ao núcleo populacional mais concentrado da freguesia. O sítio mostrava-se propício à tradição de expor um painel alusivo às Almas do Purgatório junto de locais de passagem, nas entradas e saídas das povoações.



**Figura 8.** Aspetto das alminhas do Barral antes da intervenção (GPA, 2021c).



**Figura 9.** Remoção do gradeamento pela equipa de conservação e restauro (GPA, 2021g).



**Figura 10.** Painel de madeira original inserido no nicho (GPA, 2021e).



**Figura 11.** Remoção do painel, verificando-se a existência de vestígios da pintura (GPA, 2021i).



**Figura 12.** Gradeamento com elevado nível de oxidação (GPA, 2021d).

A partir dos dados disponíveis não é possível afirmar se o nicho foi integrado na casa durante a sua construção ou se foi adaptado posteriormente. Também se desconhece se existia algum elemento associado à redenção da alma junto ao caminho, antes da existência da casa na sua configuração atual. Atendendo à arquitetura da casa e às características artísticas do painel, pode presumir-se que este elemento patrimonial remontará aos inícios do século XX.

Na sua fase inicial seria composto apenas por um nicho simples, dentro dos limites da parede. Posteriormente, foi aprimorado pela introdução de uma composição em argamassa de cimento, constituída por base, moldura e remate, projetando-se para o exterior, simulando a forma de edícula.



**Figura 13.** Abertura e remoção da caixa de esmolas, observando-se algumas moedas no meio da terra acumulada (GPA, 2021a).

Estas alminhas dispõem de acesso público ao painel das Almas e ao peto (caixa de esmolas), através de um gradeamento em ferro forjado que facilita a limpeza e a recolha das dádivas dos viandantes.

O conjunto destaca-se da superfície da parede através da moldura retilínea em relevo, rematada por um segmento de cornija, dois pináculos em forma de pirâmide e uma cruz latina trilobada. O gradeamento apresenta elementos decorativos típicos da arte do ferro forjado, essencialmente enrolamentos de motivos vegetalistas, volutas e palmetas estilizadas. A caixa de esmolas compõe-se de uma cavidade lavrada na própria pedra, protegida por uma tampa também em ferro forjado e fechadura.

O painel em madeira, encostado à face fundeira da edícula, revelava apenas alguns vestígios da pintura original, apresentando-se muito degradado. Ainda assim, era possível perceber que o tema principal da composição representava a Crucifixão, pintada no canto superior esquerdo do painel, libertando uma área considerável para a reprodução de outros elementos da iconografia da Redenção e das Almas do Purgatório, que não foi possível identificar devido à perda total de policromia.

Em face do seu estado de conservação, este bem patrimonial foi inventariado e conservado em depósito museológico. Para integrar as alminhas do Barral desenvolveu-se um novo painel, seguindo a mesma temática, com recurso a materiais e a técnicas contemporâneas, da autoria de Miguel Pinto Coelho.



**Figura 14.** Aspetto das alminhas do Alves antes da intervenção (GPA, 2021c).

## 2.2. Alminhas do Alves

As alminhas do Alves formam um nicho que aproveita a profundidade de um muro de suporte de terras que delimita uma propriedade rural privada. Este conjunto vernacular sobressai na envolvente pelo seu aspeto formal. A cantaria de granito uniformiza o segmento ocupado pelas alminhas, fazendo-as sobressair do restante aparelho rústico do muro, conferindo-lhes dignidade.

Associadas a uma unidade agrícola denominada Quinta do Alves, estas alminhas perfilam com o caminho antigo que derivava para a importante povoação de Alentém (freguesia autónoma até aos inícios do século XX). Mais uma vez, a localização parece respeitar o costume de aproximar estes pequenos templos devocionais dos lugares povoados e de passagem frequente.



**Figura 15.** Remoção do painel de madeira original, percebendo-se vestígios de policromia (GPA, 2021h).

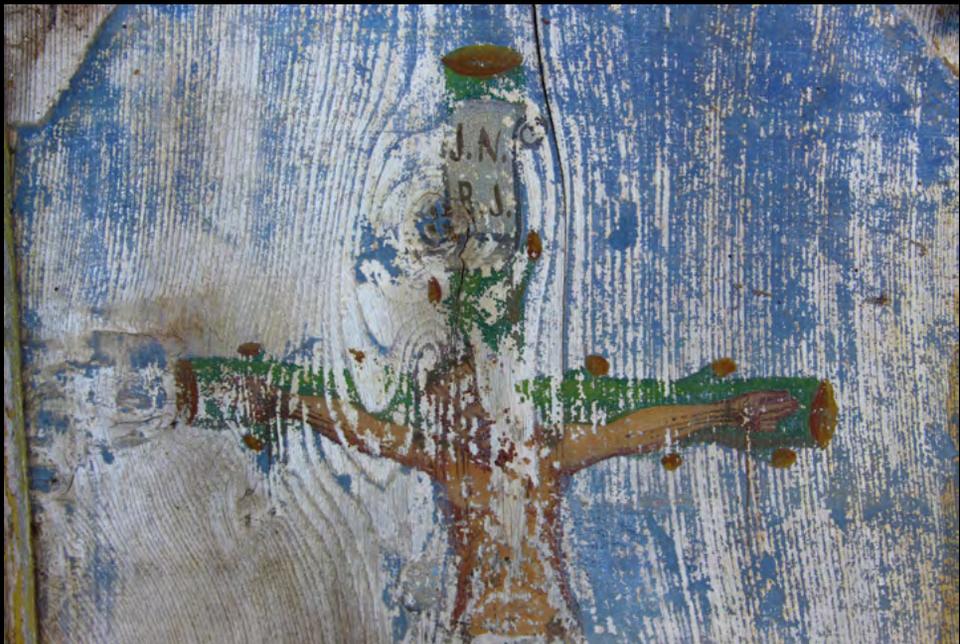


Figura 16. Pormenor da pintura com o tema da Crucifixão (GPA, 2021f).

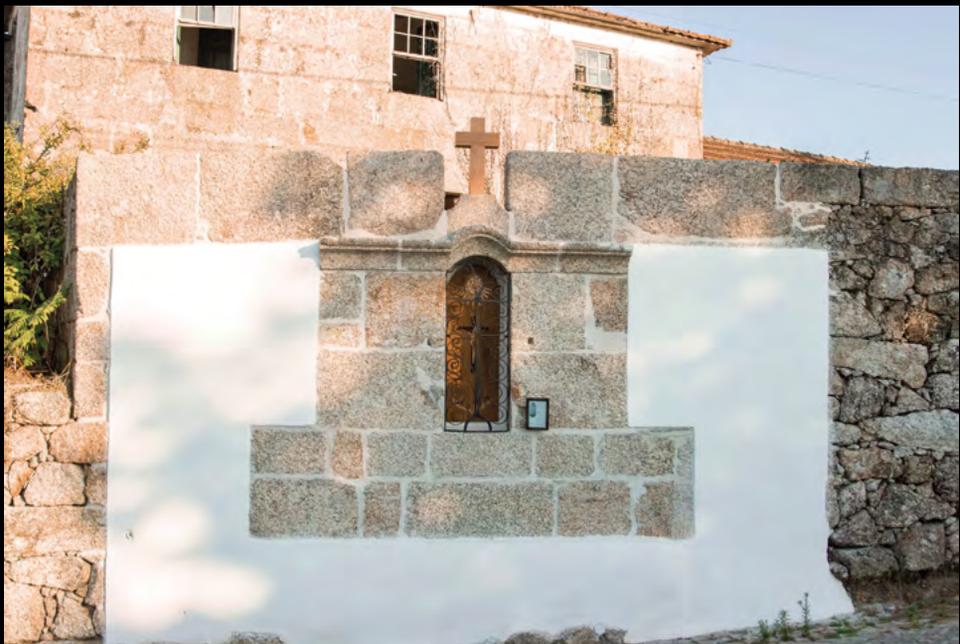


Figura 17. Aspeto das alminhas do Alves após a requalificação (Barbosa, 2022b).

A ligação entre as alminhas e a propriedade rural parece existir. Contudo, é pouco plausível que o nicho recue às cronologias mais antigas apontadas para o restante edificado. Algumas epígrafes inseridas nas paredes da casa contêm a data de 1806, mas as características formais das alminhas levam a admitir que tivessem sido edificadas nos finais do século XIX, quando se realizou um importante melhoramento na parte ocidental da casa, voltada ao caminho, que ficou registada sobre a porta principal com a data de 1886 (Cardoso e Sousa, 2021, pp. 83-88).

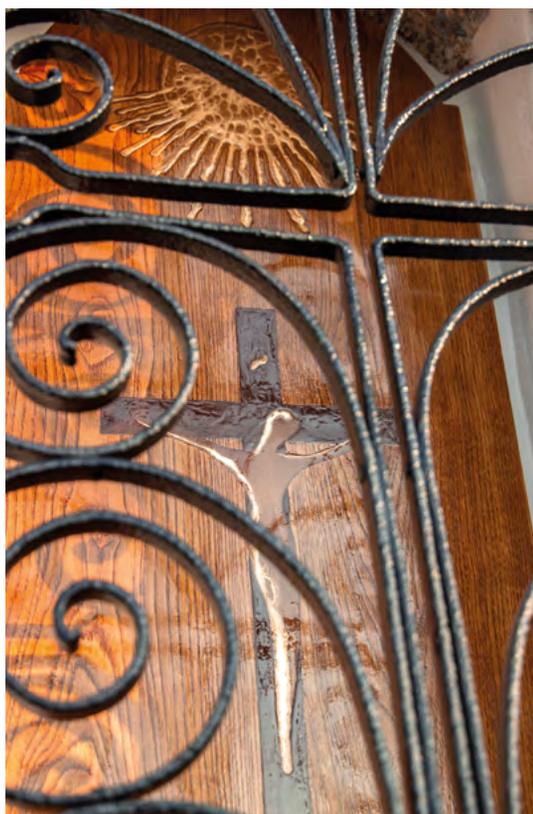
O aparelho de cantaria de pedra utilizado na composição das alminhas permite perceber que houve a preocupação de conferir simetria, aplicando silhares de dimensões e formas aproximadas de cada um dos lados do nicho. A

reentrância na parede do muro tem forma retangular, com a parte superior em arco, que se concretiza através do trabalho artístico de uma cornija que acompanha o conjunto. Sobre o segmento em arco da cornija assenta um elegante acrotério que serviu de base a uma cruz de pedra, em tempos partida e perdida.

O nicho encontra-se resguardado por uma porta vazada em ferro forjado, com os característicos enrolamentos vegetalistas que estilizam volutas. Ao centro da composição distingue-se uma cruz latina com as extremidades redondas, antecipando, logo no gradeamento, a temática que estará representada no painel.

No interior conservava-se um painel de madeira no qual ainda foi possível observar vestígios significativos de policromia, suficientes para revelar a iconografia escolhida para esta composição pictórica. O tema central, ocupando a parte superior do painel, exhibe Cristo Crucificado, ladeado pelas figuras de Nossa Senhora e de São João Baptista, ambas numa posição prostrada sobre uma peanha. Ao fundo são bem perceptíveis as Almas entre as chamas expiatórias do Purgatório.

Também neste caso o painel de madeira foi alvo de intervenção conservativa e depositado nas reservas museológicas municipais. Em sua substituição foi concebido por Miguel Pinto Coelho um painel que, seguindo o tema original, adotou materiais e técnicas contemporâneas.



**Figura 18.** Pormenor do novo painel das alminhas do Alves (Barbosa, 2022e).

### 3. Intervenção conservativa, restauro e requalificação

**D**e cariz votivo, as alminhas foram, durante décadas, apreciadas por muitos que palmilhavam os caminhos e pediam graças ao divino, ofertando flores e objetos, acendendo velas e deixando esmolas.

Mas os tempos mudaram e a velocidade estonteante em que vivemos faz-nos passar sem olhar, sem compreender nem desfrutar da tranquilidade e amparo que estes elementos deram a tantos que por lá passaram.

Esta desatenção sistemática conduziu à degradação, gerando perdas irreversíveis neste património que tanto nos caracteriza e que marcou várias gerações.

As alminhas do Barral e do Alves são dois conjuntos patrimoniais constituídos por elementos de diversas tipologias: cantaria de pedra talhada, altos-relevos em argamassa, gradeamentos de ferro forjado e painéis de pintura a óleo sobre madeira.

O que fazer? Como atuar? O que tem que mudar? São questões que nos pomos quando nos deparamos com património completamente perdido ou em ruína.

Nesta intervenção demos especial atenção aos critérios e deontologia da conservação, adequando-os às limitações e necessidades de cada elemento, tentando envolver as comunidades e as instituições num processo que pode e deve ser replicado, esperando-se que constitua um ponto de viragem para que património semelhante a este seja intervencionado antes de atingir o limite da irreversibilidade.

#### 3.1. Estado de conservação antes da intervenção

**A**s alminhas encontravam-se em elevado estado de degradação, tendo os elementos mais frágeis dos conjuntos – os painéis de madeira policromada – quase sucumbido à ação do tempo e dos agentes de degradação.

Os elementos de cantaria e argamassa encontravam-se integralmente recobertos por vegetação, líquenes, fungos e outros microrganismos que, associados aos resíduos da poluição e outros detritos atmosféricos, lhe alteravam a leitura. No caso das alminhas do Alves, tornavam-nas praticamente impercetíveis no meio da restante alvenaria de pedra.

Os elementos metálicos estavam visivelmente oxidados, sendo notória a perda de metal em algumas zonas pela ação da corrosão. As fechaduras não funcionavam, desconhecendo-se o paradeiro das chaves.

Os painéis de madeira policromada apresentavam perdas muito significativas quer das camadas de revestimento quer de suporte, sendo evidentes as marcas da sua exposição aos agentes climáticos, pelo lixiviamento da superfície pictórica, pela presença de fungos e outros microrganismos, pela acumulação de sais e detritos na superfície e pela ação humana, mais marcada nas alminhas do Alves, que perderam uma parte significativa da base do painel por ação do fogo, muito provavelmente originado pelas velas

aí colocadas em tempos. Em ambos os painéis verifica-se ainda a perda quase total das molduras de remate dos mesmos.

### 3.2. Critérios de intervenção

Intervencionar património extremamente degradado requer especial atenção quanto aos critérios de intervenção. É necessário fazer uma reflexão assente nas teorias e na ética e deontologia da conservação e restauro para que se possa determinar até onde podemos e devemos levar a intervenção a que nos propomos realizar neste objeto.

Ponderar sobre a intervenção faz com que esta seja levada a cabo de forma consciente e responsável, em conformidade com a condição do objeto, centrando-se na salvaguarda e na preservação do património.

Por serem elementos compósitos, património imóvel (todos os elementos inseridos no edificado) e património móvel (painéis de pintura sobre madeira), as alminhas exigiam da equipa de conservadores uma resposta adequada à realidade e ao estado de conservação de cada elemento.

Assim sendo, os elementos inseridos no edifício, indissociáveis do mesmo, teriam que permanecer conservados no seu local de origem, sendo tomadas ações que permitissem a sua passagem às gerações futuras. Quanto aos painéis, pela sua extrema degradação, a sua prevalência no local estava comprometida.

De acordo com Petzet (2004), a conservação é tida como o princípio supremo para a preservação e, como tal, será o ponto de partida para as intervenções a realizar, sendo, em muitos casos, a primeira e única medida possível de aplicar.

Tendo em conta que, como diz Brandi na sua clássica teoria do restauro, a obra de arte é, em primeiro lugar, um “resultado da atividade humana” (Brandi, 1988, p. 35, tradução nossa)<sup>2</sup>, única e irrepetível no tempo, não deve depender das alterações de gosto ou modas com que se depara ao longo do seu percurso de vida, para que seja reconhecida como tal. Partindo deste princípio, subentende-se que o valor histórico se sobrepõe ao valor estético. Assim sendo, enquanto momento histórico, quando a obra chega a um estado tal de degradação, em que se transforma quase num resíduo da matéria de que foi composta, deve ser considerada como uma “ruína” e tratada como tal. Para o autor, o conceito de ruína refere-se a tudo o que dá testemunho do passado, tendo já um aspeto bastante diferente, e até mesmo irreconhecível, do que seria o seu aspeto original.

Avaliando o estado de conservação dos painéis de madeira policromada que constituem o elemento central das alminhas, e à luz da literatura científica, verificámos que não existia a possibilidade de retomar, como diz Brandi, a sua “unidade potencial original”

<sup>2</sup> “Resultado del quehacer humano”.

(Brandi, 1988, p. 36, tradução nossa)<sup>3</sup> ou uma condição próxima a esta sem correr o risco de destruir a sua autenticidade.

Na *Carta de Cracóvia* (ICOMOS, 2000), documento de relevância fulcral para a atuação profissional dos conservadores-restauradores, a autenticidade é descrita como o somatório das características substanciais, historicamente provadas, desde o estado original até à situação atual, como resultado das várias transformações ocorridas no tempo.

A nosso ver, a tentativa de restituição do aspeto e da função original a um elemento em que as perdas são potencialmente superiores à quantidade de material original encontrado incorreria na sobreposição de uma nova realidade histórica falsa, que prevaleceria sobre o original, ou de uma falsidade histórica, como diria Brandi (1988).

Mesmo que existisse documentação detalhada sobre estes elementos no seu estado original, não caberia a sua “reconstrução” (Brandi, 1988, p. 37, tradução nossa)<sup>4</sup> nem restituição do seu aspeto original, pois, tal como refere Brandi, se assim fosse, deixaria de se tratar de uma questão de restauro, transpondo-se o caso para a questão de legitimidade da obra. Pelo que, seguindo de perto esse preceito, referimos a nossa intenção de concordar com o autor, quando diz que “a legitimidade da conservação das ruínas encontra-se no julgamento histórico que se lhes confere, como testemunho mutilado, mas reconhecível, de uma obra ou feito humano” (Brandi, 1988, p. 37, tradução nossa)<sup>5</sup>.

Desta forma pode dizer-se que, apesar de terem perdido a sua funcionalidade original, os painéis das alminhas mantêm uma parte do seu potencial histórico, dando testemunho de um tempo humano. Logo, podem e devem ser considerados uma ruína, à luz da teoria do restauro de Brandi (1988), e, por isso, devem ser intervencionados como tal.

Assim sendo, como refere Petzet (2004), conservar uma ruína significa mantê-la e preservá-la no seu estado fragmentário, aplicando todas as medidas necessárias para travar a sua deterioração, estabilizar o material e prevenir a ocorrência de novos focos de degradação, guiando-nos pelo critério da intervenção mínima, com vista a:

- Realizar ações de conservação preventiva, atuando diretamente sobre o meio em que esta se insere, eliminando e/ou minimizando os fatores de degradação presentes e criando condições para a sua salvaguarda;

- Aplicar ações de conservação curativa, que implicam uma ação direta sobre a obra, de forma a travar a sua total degradação e garantir que adquira as condições necessárias para a sua manutenção, relativas à estabilidade dos materiais constituintes.

Desta forma, o tratamento das alminhas foi dividido em duas tipologias de intervenção distintas: a parte estrutural que se encontrava agregada aos edifícios foi restaurada, devolvendo aos conjuntos dignidade e visibilidade, fazendo com que estes locais ressaltem aos olhos dos que passam e nos lembrem da sua função.

<sup>3</sup> “Unidad potencial originaria”.

<sup>4</sup> “Reconstrucción”.

<sup>5</sup> “La legitimidad de la conservación de las ruinas radica, pues, en el juicio histórico que se les otorga como testimonio mutilado, pero aún reconocible, de una obra o un hecho humano”.

Os painéis de madeira policromada foram conservados, garantindo a sua preservação como elemento histórico e documental para as gerações seguintes. Pelo seu estado de conservação tão frágil, era impossível devolver os painéis às alminhas, pelo que se optou por mantê-los no depósito da Câmara Municipal de Lousada, fazendo referência no local de origem da sua atual localização, para que mantenham uma ligação perpétua com o espaço para onde foram criados.



**Figura 19.** Decurso do trabalho artístico de produção dos novos painéis (Dalmática, 2022).



**Figura 20.** Pormenor de aplicação de folha de ouro (Dalmática, 2022c).

Não fazendo sentido manter estes espaços sem os seus símbolos iconográficos, sob pena de se perder a função para a qual foram criados, mas não querendo suscitar dúvidas nos observadores sobre a idade de cada elemento, optou-se por inserir nas alminhas dois elementos artísticos contemporâneos, tendo o cuidado de a iconografia destes nos remeter para a temática dos painéis originais, assumindo desta forma a lacuna temporal existente entre o corpo das alminhas e seu símbolo votivo, mantendo a sua função.

### 3.3. Intervenção de conservação e restauro realizada nos elementos arquitetónicos

Com a intervenção de restauro destes elementos pretendia-se não só a sua preservação, mas também um melhoramento do seu enquadramento e leitura, permitindo que estes se destacassem dos elementos arquitetónicos.

Para tal era necessário que a intervenção fosse para além dos conjuntos, englobando parte do edificado, mas que fosse realizada de forma consciente e não evasiva, recorrendo a técnicas e materiais que respeitassem a cronologia destes espaços e o ambiente. Desta forma, foram utilizados materiais naturais, como a cal e áridos obtidos nesta zona, garantindo assim uma maior compatibilidade entre os materiais originais e os que foram empregues na intervenção.

Iniciou-se a intervenção com uma limpeza superficial das alminhas e de parte da área envolvente, de forma a diminuir a proliferação da vegetação, fungos e outros microrganismos presentes. Para tal foi realizada uma primeira limpeza mecânica com recurso a elementos de corte e escovagem para remover a generalidade das infestantes, seguindo-se a limpeza por via húmida com recurso a projecção de água a baixa pressão e escovagem manual. Dada a grande quantidade de matéria biológica sobre os elementos, e conhecendo-se o comportamento destes seres vivos e a sua ação em profundidade nos elementos pétreos, foi necessário proceder à aplicação de um biocida. Este foi aplicado em duas fases, com um intervalo entre aplicações, seguindo-se uma nova limpeza por via húmida para a remoção da totalidade dos contaminantes orgânicos.



**Figura 21.** Alminhas do Alves durante os trabalhos de revestimento (Dalmática, 2022a).



**Figura 22.** Aspeto final do reboco e colocação dos elementos metálicos das alminhas do Alves (Dalmática, 2022b).

Nas alminhas do Barral, as juntas da alvenaria das áreas tratadas foram picadas com recurso a macetas e escopros, de forma a remover as argamassas antigas que se encontravam degradadas, sendo estas posteriormente repostas com recurso à aplicação de argamassa grossa com áridos selecionados da zona, entre eles graníticos e siliciosos e com um aglomerante de cal hidráulica HL-5.

Esta argamassa também foi utilizada para demarcar a área envolvente das duas alminhas, dando-lhes um maior destaque dentro dos conjuntos arquitetónicos. Sobre a argamassa de base aplicou-se uma argamassa fina de cal aérea com um acabamento liso.

Nas alminhas do Barral, a camada final foi realizada com uma camada de cal em pasta envelhecida estucada (técnica estuquillo al fresco), seguida da aplicação de silicato potássico em diluição com água de cal a 50%, que atuará como proteção.

Relativamente às alminhas do Alves, a zona de reboco recebeu uma pintura de cal natural em duas camadas.

### **3.4. Tratamento dos elementos metálicos**

Todos os elementos metálicos foram tratados através da sua limpeza mecânica com recurso a microjato de precisão, tendo sido utilizado silicato de alumínio como abrasivo. Este procedimento visou a eliminação de sujidades e dos compostos corrosivos agregados na superfície sem danificar o metal.

Depois de limpos, foi aplicado um inibidor de corrosão por toda a superfície. Os inibidores de corrosão são substâncias que, adicionadas em concentrações adequadas no meio corrosivo, minimizam a velocidade de oxidação do metal exposto a esse meio agressivo, quer seja gasoso, aquoso ou oleoso. Os mecanismos de atuação dos inibidores de corrosão estão baseados na formação de uma barreira ou filme na superfície do material, que impede ou retarda as reações de oxidação do metal base.

Como proteção final foi aplicada uma resina acrílica à base de metacrilato de etilo.

### **3.5. Tratamento dos painéis de madeira policromada**

Tal como mencionámos anteriormente, os painéis de pintura a óleo sobre madeira foram intervencionados de forma conservativa, visando esta intervenção travar os agentes de degradação que atuavam sobre este património e que o conduziram ao estado de ruína.

A sua remoção do exterior para um ambiente controlado, por si só, estagnou o processo de degradação. No entanto, era imperativo que se tomassem medidas diretas sobre os painéis, de forma a fixar a pouca policromia que restava sobre o suporte de madeira, que também ele carecia de tratamento urgente.



**Figura 23.** Tratamento de fixação da policromia existente (Dalmática, 2020b).



**Figura 24.** Pormenor da fixação policromática (Dalmática, 2020a).

Procedeu-se, então, à pré-fixação das zonas em destacamento e em risco de destacamento, com vista a evitar a sua perda durante a desmontagem e o transporte para intervenção.

Seguiu-se uma limpeza mecânica superficial dos painéis com recurso a pincéis de cerdas macias e sistema de aspiração controlada, de forma a remover todas a poeiras e a matéria orgânica depositada na superfície.

De forma a eliminar todos os microrganismos que afetavam a policromia e o suporte, os painéis foram impregnados com uma microemulsão de tratamento inseticida e fungicida.

Por ter sido submetido sistematicamente ao contacto direto com humidade, o suporte lenhoso apresentava podridão cúbica e podridão branca, o que fez com que, em diversas zonas, se desagregasse muito facilmente. Para melhorar a resistência do suporte procedeu-se à sua consolidação, através da aplicação de uma resina acrílica à base de metacrilato de etilo, por pincelagem e injeção, em camadas sucessivas, com aumento gradual da percentagem de resina, permitindo assim uma consolidação do suporte em profundidade.

Os elementos metálicos que ainda cumpriam a sua função foram devidamente limpos e tratados com um inibidor de corrosão. Fixaram-se os elementos soltos com recurso a acetato de polivinil neutro.

Relativamente às camadas de revestimento, realizou-se a revisão da fixação da policromia, seguindo-se a limpeza química da superfície pictórica. Depois de limpas, aplicou-se uma camada de proteção sobre toda a superfície.

### Nota final

O contacto direto com a realidade deste património tão singular leva-nos a uma crescente conscientização sobre o seu futuro incerto, dado que, caso não sejam tomadas medidas preventivas urgentes que visem a sua salvaguarda, se perderá irremediavelmente.

Projetos como este devem ter uma função pedagógica, ajudando o público em geral e os responsáveis pelas tutelas destes espaços a entender a importância e as necessidades de cada elemento e a perceberem que só através da valorização patrimonial se atingirão mais e melhores resultados na sua preservação: chegar ainda mais longe e, através do bom exemplo, incentivar outros municípios a replicarem estes projetos de valorização/conservação, apontando soluções exequíveis e financeiramente viáveis.

### Referências bibliográficas

Barbosa, J., 2022a. *[Apresentação pública da requalificação das alminhas do Barral, a 27 de julho de 2022]*. [fotografia] (Lousada, Câmara Municipal de Lousada).

Barbosa, J., 2022b. *[Aspeto das alminhas do Alves após a requalificação]*. [fotografia] (Lousada, Câmara Municipal de Lousada).

Barbosa, J., 2022c. *[Aspeto final das alminhas do Alves]*. [fotografia] (Lousada, Câmara Municipal de Lousada).

Barbosa, J., 2022d. *[Aspeto final das alminhas do Barral]*. [fotografia] (Lousada, Câmara Municipal de Lousada).

Barbosa, J., 2022e. *[Pormenor do novo painel das alminhas do Alves]*. [fotografia] (Lousada, Câmara Municipal de Lousada).

Brandi, C., 1988. *Teoría de la restauración*. Madrid: Alianza Editorial.

Cardoso, C. e Sousa, L., 2021. Catálogo epigráfico de Lousada: continuação (III). *Oppidum – Revista de Arqueologia, História e Património*, 13, pp. 68-89.

Cardoso, C., Nunes, M. e Vieira, S., 2022. *Alminhas e cruzeiros. Património religioso vernacular da Paisagem Protegida Local do Sousa Superior*. Lousada: Câmara Municipal de Lousada.

Dalmática, 2020a. [*Pormenor da fixação policromática*]. [fotografia] (Lousada, Dalmática).

Dalmática, 2020b. [*Tratamento de fixação da policromia existente*]. [fotografia] (Lousada, Dalmática).

Dalmática, 2022a. [*Alminhas do Alves durante os trabalhos de revestimento*]. [fotografia] (Lousada, Dalmática).

Dalmática, 2022b. [*Aspeto final do reboco e colocação dos elementos metálicos*]. [fotografia] (Lousada, Dalmática).

Dalmática, 2022c. [*Pormenor de aplicação de folha de ouro*]. [fotografia] (Lousada, Dalmática).

GPA – Gabinete do Património e Arqueologia da Câmara Municipal de Lousada, 2021a. [*Abertura e remoção da caixa de esmolos, observando-se algumas moedas no meio da terra acumulada*]. [fotografia] (Lousada, Câmara Municipal de Lousada).

GPA – Gabinete do Património e Arqueologia da Câmara Municipal de Lousada, 2021b. [*Alminhas da Igreja de Pias*]. [fotografia] (Lousada, Câmara Municipal de Lousada).

GPA – Gabinete do Património e Arqueologia da Câmara Municipal de Lousada, 2021c. [*Aspeto das alminhas do Alves antes da intervenção*]. [fotografia] (Lousada, Câmara Municipal de Lousada).

GPA – Gabinete do Património e Arqueologia da Câmara Municipal de Lousada, 2021d. [*Gradeamento com elevado nível de oxidação*]. [fotografia] (Lousada, Câmara Municipal de Lousada).

GPA – Gabinete do Património e Arqueologia da Câmara Municipal de Lousada, 2021e. [*Painel de madeira original inserido no nicho*]. [fotografia] (Lousada, Câmara Municipal de Lousada).

GPA – Gabinete do Património e Arqueologia da Câmara Municipal de Lousada, 2021f. [*Pormenor da pintura com o tema da Crucifixão*]. [fotografia] (Lousada, Câmara Municipal de Lousada).

GPA – Gabinete do Património e Arqueologia da Câmara Municipal de Lousada, 2021g. [*Remoção do gradeamento pela equipa de conservação e restauro*]. [fotografia] (Lousada, Câmara Municipal de Lousada).

GPA – Gabinete do Património e Arqueologia da Câmara Municipal de Lousada, 2021h. [*Remoção do painel de madeira original, percebendo-se vestígios de policromia*]. [fotografia] (Lousada, Câmara Municipal de Lousada).

GPA – Gabinete do Património e Arqueologia da Câmara Municipal de Lousada, 2021i. [*Remoção do painel, verificando-se a existência de vestígios da pintura*]. [fotografia] (Lousada, Câmara Municipal de Lousada).

GPA – Gabinete do Património e Arqueologia da Câmara Municipal de Lousada, 2022. [*Apresentação pública da requalificação das alminhas do Alves, a 27 de julho de 2022*]. [fotografia] (Lousada, Câmara Municipal de Lousada).

ICOMOS – International Council on Monuments and Sites, 2000. *Carta de Cracóvia. Princípios para a conservação e o restauro do património construído*. Cracóvia: ICOMOS.

Petzet, M., 2004. Principles of preservation: An introduction to the International Charters for Conservation and Restoration 40 years after the Venice Charter. In: ICOMOS – International Council on Monuments and Sites, 2004. *International Charters for Conservation and Restoration. Monuments & Sites, I*. Munique: ICOMOS. pp. 7-29.

Vieira, S., 2019a. *Alminhas e Cruzeiros no Concelho de Lousada. Uma experiência de Inventário*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Vieira, S., 2019b. Alminhas, Pequenos Templos, Grandes Devoções. Notas para o seu estudo no concelho de Lousada. *Revista Municipal (Suplemento Património)*, 176, pp. 21-25.

Vieira, S., 2020. Pequenos templos, grandes devoções: alminhas e cruzeiros no concelho de Lousada. *Oppidum – Revista de Arqueologia, História e Património*, 12, pp. 136-167.